

A LIQUIDEZ NA POLÍTICA: ANÁLISE DOS POSICIONAMENTOS SOBRE A PANDEMIA DO CORONAVÍRUS^{1*}

Josilaine de Oliveira Gonçalves^{2**}

Resumo: O presente artigo tem por objetivo analisar publicações em rede social do presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, e do governador de São Paulo, João Dória, bem como nos comentários de seus seguidores sobre a pandemia do coronavírus, sob a perspectiva da modernidade líquida, termo cunhado pelo filósofo polonês Zygmunt Bauman. Por meio da pesquisa qualitativa, o estudo aponta para características da fluidez do mundo líquido, como insegurança, incertezas e individualismo, mesmo para quem apresenta as ideias conservadoras da modernidade sólida.

Palavras-chave: Modernidade Líquida. Política. Pandemia.

1 Introdução

No presente artigo pretende-se fazer a análise de uma publicação do presidente da República Jair Bolsonaro, no Twitter, na qual se opõe ao isolamento social como forma de combate ao coronavírus, e de uma publicação do governador de São Paulo João Dória, que é favorável à população permanecer em casa durante a pandemia do COVID-19.

Serão levados em consideração alguns questionamentos sobre como se posicionam tais líderes políticos e seus seguidores durante a crise do coronavírus, sob a perspectiva da modernidade líquida, termo cunhado pelo filósofo Zygmunt Bauman, como problema de estudo. Podemos dizer que há liquidez nos posicionamentos políticos, tanto das autoridades quanto de seus respectivos seguidores, comparativamente? Qual a relação dos posicionamentos antagônicos das autoridades e de seus respectivos comentários com a tese sobre liquidez de Bauman?

Com surgimento do novo coronavírus, que provoca a doença chamada Covid-19, percebe-se que aumentou a sensibilidade já existente no cenário político brasileiro, pelos posicionamentos das autoridades políticas. Por isso é de grande relevância tal pesquisa para entender as opiniões e o comportamento dos governos e da sociedade diante de uma crise

^{1*} Artigo apresentado como requisito parcial para a conclusão do Curso Jornalismo da Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL, orientado pela professora Darlete Cardoso, jornalista, administradora e mestre em Ciências da Linguagem.

^{2**} Autor do Artigo: E-mail: josilainegoncalves.98@gmail.com.

mundial, onde se espera que medidas sejam tomadas pelos representantes da população, de forma responsável, buscando o bem-estar.

Enfrenta-se uma fragilidade na atual sociedade que vai ao encontro do conceito de fluidez presente na modernidade líquida. Segundo Zygmunt Bauman (2001, p. 8), a fluidez ou liquidez, “diferentemente dos sólidos, não mantêm sua forma com facilidade. Os fluidos, por assim dizer, não fixam o espaço nem prendem o tempo”. Ou seja, trata-se do estado de constante movimentação e imprevisibilidade. Assim também acontece na época atual, com as frequentes mudanças de situações em um curto período de tempo e inúmeros posicionamentos distintos apresentados a sociedade.

Essas mudanças constantes causam instabilidade e incerteza. E no momento atual de enfrentamento ao coronavírus, onde todos os holofotes estão sobre as autoridades que têm como dever adotar medidas para proteger a saúde das pessoas, cada passo dado por elas são capazes de produzir na população tal instabilidade e incerteza, até mesmo insegurança ou esperança de que a situação melhore.

Tais efeitos produzidos resultam em posicionamentos da sociedade ativa, que cada vez mais sente a necessidade de expor sua opinião a respeito de qualquer assunto, principalmente em relação a assuntos de interesse geral. As redes sociais foi uma das principais, senão a principal, ferramenta que deu a todos o poder de compartilhar suas opiniões, de forma que alcancem um número inimaginável de pessoas. É na rede que estão presentes as principais discussões da sociedade moderna, pois como aponta Raquel Recuero (2009, p. 9), “[...] as redes sociais são espaços de circulação de informações. Com isso, tornam-se também espaços de discussão dessas informações [...]”.

Não só cidadãos comuns usam a internet para se manifestar. Muitas autoridades fazem uso das redes sociais como canal principal de comunicação para fazer anúncios, posicionar-se sobre determinados assuntos, e até fazer campanhas eleitorais. Como é o caso do presidente dos EUA, Donald Trump, e do presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, que usam o Twitter como canal de anúncios oficiais.

Portanto uma forma eficaz de analisar os posicionamentos da sociedade e dos líderes políticos é através das redes sociais. E para isso escolhemos focar no estudo no Twitter, que é um dos principais canais de debate público de opiniões na atualidade.

O objetivo geral é avaliar, sob a perspectiva da modernidade líquida, termo cunhado pelo filósofo Zygmunt Bauman, o posicionamento de líderes políticos e seus seguidores durante a crise do coronavírus no Brasil. Como objetivos específicos, averiguar, comparativamente, se podemos dizer que há essa liquidez nos posicionamentos políticos,

tanto de Jair Bolsonaro e de João Dória, quanto dos seus seguidores; e verificar a relação dos posicionamentos antagônicos, tanto dos discursos políticos quanto dos respectivos seguidores, com as teses de Bauman.

O método utilizado neste trabalho é a pesquisa qualitativa, do tipo análise discursiva, através da técnica de estudo de caso. O objeto de estudo é uma publicação do presidente da República, Jair Bolsonaro, postada no dia 12 de abril de 2020, e do governador de São Paulo, João Dória, publicada em 25 de abril do mesmo ano, e de reações de seus respectivos seguidores, postadas no Twitter, tendo como foco a pandemia do coronavírus no país, que obrigou todos os cidadãos a ficar de quarentena em casa. É avaliada uma publicação de cada uma das autoridades e dez comentários respectivamente. Em relação aos procedimentos metodológicos, detalharemos o contexto e os critérios adotados na abertura do capítulo da análise.

Na primeira parte da fundamentação teórica trazemos os conceitos da modernidade líquida, comparando com a sólida, de acordo com as teses de Zigmunt Bauman. Após entendermos com seus conceitos, trataremos da política em tempos de liquidez. Também abordaremos os discursos políticos e a crescente polarização com a ascensão das redes sociais. Por fim, analisaremos as publicações e comentários, de acordo com os estudos realizados.

2 Modernidade Líquida

Antes de focarmos nosso estudo na modernidade líquida, devemos contextualizar os pensamentos do criador deste termo, o filósofo polonês Zigmunt Bauman, em relação à modernidade. Para ele, a modernidade é dividida em dois períodos. Antes da ‘modernidade líquida’ ocorreu o que ele chama de ‘modernidade sólida’.

O termo modernidade sólida tratado por Bauman faz referência ao primeiro período da modernidade, e assim como o próprio nome insinua, esse era um tempo de certeza, segurança, estabilidade, onde nada era destruído ou desintegrado facilmente. Para Bauman (2001, p. 132), “a modernidade sólida punha a duração eterna como principal motivo e princípio da ação”. Ou seja, durante esse período não havia preocupações com relação a mudanças. Tudo poderia ser muito previsível, percorria um caminho sem grandes surpresas, e resistia ao tempo.

Um exemplo da modernidade sólida era a permanência de um indivíduo trabalhar em um emprego durante toda a vida, e construir uma carreira no mesmo lugar. Isso porque

nessa época havia uma certa firmeza e durabilidade nas relações, e a estabilidade era almejada por todos. Pode-se arriscar a dizer que havia também certo desejo pelo comodismo.

Essas características da modernidade sólida também se refletiam na política e na economia. Nela, segundo Bauman (2001), as relações podem ser comparadas ao conservadorismo por seguir as linhas tradicionais e com relações permanentes. Também não havia liberdade para ações individuais. Nessa época era esperado que todos seguissem as tradições e cumprissem as obrigações, aderindo à mesma receita para que houvesse estabilidade.

Em seus estudos sobre a modernidade líquida de Bauman, Larissa Pascutti de Oliveira (2012, p. 29) aponta em seu artigo que na fase sólida

O Estado era o grande provedor da segurança e estabilidade da nação, e, por isso, onde os cidadãos depositavam sua confiança. A sociedade moderna era a conquista do espaço da ordem e da segurança. Além disso, a política desses Estados era exercida em vista da educação moral e civil dos novos homens. Dessa forma, o poder público, o Estado burocrático, muitas vezes até opressor, colonizava na forma da ordem exigida o espaço privado, estabelecendo a verdade que cabia ao momento e à situação.

Ou seja, as pessoas realmente confiavam que o Estado era capaz de prover tudo o que lhes era necessário para ter segurança, e garantir a estabilidade para viver uma vida sem risco e mudanças inesperadas. Mesmo que isso fosse imposto em algumas situações de forma opressiva.

A transição se deu logo após a Segunda Guerra Mundial, quando ocorreu o que Bauman (2001) define com ‘derretimento dos sólidos’ que não tinha como objetivo acabar com todos os sólidos. Pelo contrário, pretendia-se apenas aperfeiçoá-los e criar novos sólidos indestrutíveis. O resultado desse derretimento foi a modernidade líquida.

Como já abordado anteriormente, a modernidade líquida representa um período da modernidade em que as relações e ações da sociedade são caracterizadas pela liquidez. Nessa fase tudo está em fluxo contínuo de modificações, e não há como prever quando deixará de ser assim, voltando a uma nova forma de solidez, como se pretendia.

Se tudo era muito fechado, centrado e seguia-se um padrão tradicional de equilíbrio durante a modernidade sólida, no tempo líquido ocorreu o oposto disso. A nova modernidade, de acordo com Bauman (2001), livrou a sociedade das amarras que a prendiam e a impediam de possuir liberdade de escolha. Essa drástica mudança de comportamento vem acompanhada de pontos positivos e negativos, os quais ainda debateremos neste capítulo.

Um dos sintomas que a chegada da modernidade líquida trouxe é a rapidez. Além de sempre haver uma infindável movimentação, elas ocorrem de forma rápida. A

modernidade trouxe ao mundo a ‘facilidade’, que tornou o que era muito trabalhoso para desempenhar ser resolvido de forma fácil. Desde tarefas simples do dia-a-dia a grandes questões da vida. Com isso, criou-se uma sede por rapidez maior, que acaba refletindo em todos os aspectos da vida moderna. A internet pode ser um exemplo dessa liquidez. É nela que podemos ter acesso a incontáveis informações sobre qualquer assunto ou fatos que acontecem em tempo real. Tudo de forma instantânea. Bauman (2001, p. 8) diz que:

Em certo sentido, os sólidos suprimem o tempo; para os líquidos, ao contrário, o tempo é o que importa. Ao descrever os sólidos, podemos ignorar inteiramente o tempo; ao descrever os fluídos, deixar o tempo de fora seria um grave erro. Descrições de líquidos são fotos instantâneas, que precisam ser datadas.

Esse desejo pela instantaneidade resulta na rápida satisfação e conseqüentemente na constante insatisfação, segundo Bauman (2001). As infinitas possibilidades de escolha que a liberdade oferece e de forma rápida faz com que o gosto da conquista não seja tão duradouro quanto se pensava que fosse, já que sempre haverá algo melhor e mais sedutor do que o que acabou de ser conquistado. O filósofo diz que:

[...] o fato é que, gostemos ou não, estamos fadados a escolher, a continuar escolhendo e a justificar nossas escolhas, dolorosamente conscientes de que escolher e ser pressionados a provar que escolhemos certo é a nossa sina, uma vez que num cenário policêntrico somos continuamente expostos a variadas imagens do que vem a ser uma vida boa e correta, a diversos padrões de ideal pessoal, a diferentes noções do que “deve” ou “não deve” ser feito, a inúmeras visões de mundo dignas de crédito, passadas ou atuais, todas buscando justificar uma proposta alternativa combinada com a rejeição de outras (BAUMAN, 2000, p. 115).

Podemos ver na prática esta satisfação passageira manifestar-se no consumismo exagerado. A razão é simples. Os objetos de desejos que passam diante dos nossos olhos diariamente através de um grande fluxo de propagandas mudam a todo instante, sem nem ter chance de estabelecer espaço no mercado do consumo, e rapidamente são descartados.

Se observarmos o cenário presente, somos capazes de usar o mercado de trabalho também como um exemplo da nova era da liquidez. Diferentemente de algumas décadas atrás, atualmente não há desejo por construir uma carreira em um determinado emprego para o resto da vida. O que ocorre é o oposto disso. Hoje é comum que haja sempre mudanças de emprego, após um período de tempo devido à constante insatisfação. É claro que existem aqueles que optam por se especializar e seguir uma determinada profissão por toda vida, porém isso também não impede que no auge de seus anos de carreira brote o desejo por mudar de área, talvez até para uma totalmente diferente do que costumava exercer.

A razão pela qual ocorrem essas trocas constantes de profissão é, como já dito, a insatisfação que um determinado emprego produz depois de algum tempo. Se antes o ideal era

encontrar um trabalho que pudesse dar estabilidade para poder sobreviver até atingir a idade para se aposentar, mesmo que não fosse a profissão dos sonhos, no mundo líquido o foco está em estar satisfeito com seu trabalho, nem que seja por um curto período de tempo. Dificilmente há um plano seguro traçado a longo prazo.

Essa nova forma de agir originada da liberdade pode trazer riscos. As repetidas trocas em busca da satisfação profissional fazem com que certas competências necessárias para determinados empregos se tornem irrelevantes, visto que não há mais o desejo por se dedicar a uma carreira, como ocorria antes. Este cenário também acarreta na competitividade no mercado de trabalho, pois sempre haverá alguém em busca de um novo emprego. Bauman (2001, p. 169) explica que:

No mundo do desemprego estrutural ninguém pode se sentir verdadeiramente seguro. Empregos seguros em empresas seguras parecem parte da nostalgia dos avós; nem há muitas habilidades e experiências que, uma vez adquiridas, garantam que o emprego será oferecido e, uma vez oferecido, será durável.

Se observarmos bem, a liquidez produz insegurança nos dois lados do mercado de trabalho, tanto para o empregado, quanto para o empregador. O empregado se sente inseguro devido à possibilidade de ser demitido a qualquer momento, pois sabe-se que sempre haverá alguém para substituí-lo. Por outro lado, o empregador também sente a mesma pressão, por estar ciente de que seus funcionários podem decidir deixar o trabalho a qualquer momento em busca de outro que os satisfaçam. O problema também pode estar no compromisso com o trabalho por parte dos empregados, pois já sabem que não possuem um futuro garantido no trabalho. Fabio Elias Verdiani Tfouni e Nilce da Silva (2008, p. 198-190), em seu artigo sobre a modernidade líquida, afirmam que os empregados

Sabem que são dispensáveis, e por isso não vêem razões para aderir ou se comprometer com seu trabalho ou entrar numa associação mais durável com seus companheiros de trabalho. Para evitar frustração iminente, tendem a desconfiar de qualquer lealdade em relação ao local de trabalho e relutam em inscrever seus próprios planos de vida em um futuro projetado para a empresa. É uma reação natural à “flexibilidade” do mercado no trabalho, que, quando traduzida na experiência individual da vida, significa que a segurança de longo prazo é a última coisa que se aprende a associar ao trabalho que se realiza.

A liberdade da liquidez também atingiu a economia. A dureza e as regulamentações que havia nela anteriormente na fase sólida com intuito de estabelecer proteção e segurança já não existem mais. Bauman (2001, p. 10) afirma que a mudança na modernidade trouxe independência econômica livrando-a “de seus tradicionais embaraços políticos, éticos e culturais”. O que em certo ponto foi vantajoso para as relações econômicas. Porém não há como fugir das incertezas e instabilidade que os riscos trazem ao assumi-la.

Nas relações sociais igualmente há essa insegurança devido à fluidez do mundo líquido. Nesta etapa da modernidade as conexões se tornam rasas e incertas sobre sua perpetuidade. Isso não envolve somente relações entre indivíduos, mas também tudo o que exige comprometimento e durabilidade. Em tempos de modernidade líquida, firmar um acordo é como se casar já pensando no divórcio. Talvez não haja pretensão de quebra de contrato, mas há grandes chances de tudo mudar drasticamente. Bauman (2007) fala que na vida líquida, a síndrome do consumo ocupou até as relações entre seres humanos, pois até nos relacionamentos há revisão para que haja contentamento. O que requer muito dos consumidores que não são preparados para fazê-lo, pois são habituados a descartar rapidamente objetos de consumo substituindo-os por outro. Ele ainda afirma que quanto mais tempo seja a duração do relacionamento, mais dificuldade haverá para mantê-lo.

Tfouni e Silva (2008) destacam que as responsabilidades que antes eram direcionadas ao próximo, na vida líquida esse esforço passa a se concentrar no eu, enfraquecendo as relações com outros indivíduos. Eles acrescentam que

como todos estão sem tempo, e preocupados com inúmeras atividades assumidas, poucos são aqueles que têm tempo e disponibilidade para dar o ombro amigo para o próximo; o vizinho é um desconhecido. Neste contexto, o relacionamento eu-outro é mercantilizado e frágeis laços de afeto têm a possibilidade de serem desfeitos frente a qualquer desagradado das partes (p. 176).

Cenários como estes contribuiriam para outra característica muito forte do tempo líquido, que é o individualismo. Citando Tocqueville, Bauman (2001, p. 42) diz que “libertar as pessoas pode torná-las indiferentes.” Isso porque “o indivíduo é o pior inimigo do cidadão”. Já que “o “cidadão” é uma pessoa que tende a buscar seu próprio bem-estar através do bem-estar da cidade — enquanto o indivíduo tende a ser morno, cético ou prudente em relação à “causa comum”, ao “bem comum”, à “boa sociedade” ou à “sociedade justa”. Por isso, com a falta de confiança nas relações, começou-se a dar mais importância para o eu, que em um primeiro momento é digno de confiança. Tal atitude é capaz de ocasionar uma série de ações que podem causar um desequilíbrio ainda maior na sociedade. Isso porque a partir do momento em que cada indivíduo toma suas distintas ideias, opiniões, forma de agir e pensamentos como certo e absoluto, refuta totalmente posicionamentos contrários, e assim haverá conflitos a todo instante e em qualquer situação.

2.1 Liquidez na Política

Como a liquidez afetou todos os tipos de relação, na política também é assim. Tendo grande poder de mudar a vida de todos os cidadãos para melhor ou para pior, através

de cada decisão, a nova era da modernidade líquida transformou o mundo político e as suas relações. A maior das diferenças que ocorreu foi a perda de poder dominante do Estado.

Ficou no passado o tempo em que o poder político tinha controle sobre tudo com soberania. Bauman (2001, p.57) salienta que “o poder político perdeu muito de sua terrível e ameaçadora potência opressiva [...]”. Portanto no mundo líquido, com a globalização que expandiu o mercado internacionalmente e com a liberdade nesse novo tempo, a relação entre os indivíduos e a política mudou significativamente. Isso porque o Estado não foi capaz de manter os olhos em tudo, já que agora cada um age conforme suas próprias convicções sobre o que lhe será mais benéfico, sem viver dentro dos cercados que o poder político costumava comandar, o que acabou ocasionando a crescente privatização.

Podemos usar para exemplificar esta afirmação a atual situação da aposentadoria no Brasil. O número de contribuintes da previdência social administrada pelo governo tem caído cada vez mais nos últimos anos. Enquanto isso a previdência privada tem aumentado mais a cada ano.

Este caminho em direção à privatização foi consequência não só da liberdade de escolha e da globalização, mas também da crescente insegurança e insatisfação que o Estado transmite aos indivíduos. Um dos motivos para muitos brasileiros começarem a optar pela previdência privada são as falhas no sistema público de aposentadoria e as muitas regulamentações exigidas para que uma pessoa tenha a possibilidade de ter sua previdência aprovada. Ou seja, a mudança de comportamento em relação ao cenário político, evitando segui-lo, resulta também da falta de seguridade, confiança e satisfação. E como já abordamos, essas são algumas das características da modernidade líquida.

A internet mais uma vez pode ser usada como exemplo e apontada como uma das grandes responsáveis, se não a maior, do aumento da insegurança em relação ao poder público. Com a chegada dela, uma gigantesca disseminação de informações chegou ao alcance de todos, dando poder aos cidadãos de se alimentar de conhecimento, contribuindo para seu aumento de nível intelectual sobre a política, e assim, deixando de ser apenas um indivíduo passivo. A partir desta virada a sociedade começou a criticar a política exercida pelas autoridades. E foi assim que os traços de insegurança em relação à política começaram a se tornar cada vez maiores e visíveis.

Diante disso, o Estado encontrou outra forma de usar seu poder. Em seus estudos sobre Bauman, Oliveira (2012) salienta que em consequência da perda do poder antes exercido na modernidade sólida, o Estado passou a usar outra estratégia para manter o pouco controle que lhe resta na era da liquidez.

[...] a política exercida pelos governos hoje é a política do medo. Uma vez que os Estados não têm mais poder de intervenção na insegurança produzida pelos mercados, e ao contrário, contribuem para sua intensificação, necessitam de um novo foco para depositar suas forças de proteção e fazer o papel de provedor da segurança nacional. Desse modo, o Estado distrai as atenções públicas da insegurança profunda, gerada pela instabilidade do mercado para outras fontes de insegurança que, por existirem em escala menor, são dramatizadas para insuflar medo, voltando as esperanças de segurança pública nacional para o Estado, agora dotado de algum poder de ação (OLIVEIRA, 2012, p. 31).

Ou seja, o Estado aproveitou a insegurança da sociedade para consolidar seu poder, como principal provedor da segurança. Najla Franco Frattari (2008) fala que os medos da modernidade líquida faz com que nos sintamos ameaçados e amedrontados devido às incertezas, e assim também nos apaixonamos de mesma forma a tudo que seja atribuído à seguridade. Portanto, podemos presumir que seria mais fácil para o Estado executar sua autopropaganda como grande provedor da segurança.

Entretanto Bauman (2000, p. 48) diz que “os governos não podem honestamente prometer aos cidadãos uma existência segura e um futuro garantido”. Márcio Pereira Basílio (2010, p. 443), em seu estudo sobre os tempos líquidos, também afirma que na era da liquidez “a sociedade não é mais protegida pelo Estado, ou pelo menos é pouco provável que confie na proteção oferecida por este”. Portanto, a única coisa que resta ao Estado é demonstrar que está disposto a exercer seu trabalho, a fim de que diminua pelo menos um pouco a ansiedade da sociedade, e considerando as eleições, consiga apoio popular. Porém não é certo que isso possa funcionar.

Os esforços do poder público para promover a segurança e o bem-estar de cada indivíduo, sendo ele sincero ou não, todos são colocados à prova em situações de crise. É durante esses períodos que se espera que o Estado intervenha e faça uso do poder que possui. Mesmo que não possa realmente prover proteção perpetuamente a todos os cidadãos, é dever dos governos se posicionar e executar ações buscando o melhor para todos, afinal é para isso que são eleitos.

Abordando o tema do presente artigo, podemos usar a pandemia do coronavírus como exemplo. O vírus com capacidade letal, que surgiu na cidade de Wuhan, na China, em dezembro de 2019, espalhou-se rapidamente ao redor do mundo e obrigou que autoridades do mundo inteiro tomassem drásticas medidas de isolamento, para garantir a saúde, o bem-estar e a segurança de seus habitantes. Neste momento o Estado teve o dever de fazer uso do seu poder, caso contrário colocaria a população em risco.

Se a modernidade líquida é um período de incertezas, uma crise durante este tempo causa mais incertezas ainda. Continuando a tratar do coronavírus, podemos presenciar

ao longo da pandemia os vários posicionamentos sobre as decisões tomadas pelos governantes, e as reações da sociedade perante essas decisões. Algumas medidas e declarações polêmicas por parte de governantes refletiram em debates na sociedade, que apoiavam ou discordavam delas. No final de tudo, o que todos querem é se sentirem seguros e confiar que o Estado tenha domínio sobre a situação. Porém, o problema, trazendo Bauman (2000, p. 121), é que:

Em estado de crise não sabemos que rumo as coisas irão tomar; em estado de crise as coisas escapam ao controle, não temos domínio sobre o fluxo dos acontecimentos; podemos tentar desesperadamente encontrar a saída para a situação angustiada, mas todos os nossos esforços não passarão de uma sucessão de tentativas e erros, de experimentação no escuro, à espera de que algo resulte por fim disso. Seja qual for a maré montante em época de crise, não é a da autoconfiança e segurança pessoal. O mais provável é que a confiança esteja em seu nível mais baixo, enquanto as sensações de incerteza e impotência e a intuição da inadequação dos instrumentos mentais e/ou materiais de ação alcança seu nível mais alto.

Nessa nova era, onde o Estado serve como ponte entre o setor privado e a população, durante uma crise como a do coronavírus, os governantes têm a difícil missão de promover a segurança não só da sociedade, mas também do setor privado, o que demanda grande capacitação, avaliando todos os cenários para manter o equilíbrio entre os dois mundos. Outra grande dicotomia que exige preparo do Estado durante o período da pandemia, é manter a estabilidade entre saúde e economia, já que o governo precisa cuidar da saúde da população e ao mesmo tempo encontrar meios para não quebrar a economia do país. Isso porque sem um remédio eficaz contra essa doença, a melhor forma de evitar contágio é através do isolamento social.

Porém não é tarefa fácil, e como já falamos, os governos não podem garantir segurança. Por isso mais uma vez as pessoas exercerão sua liberdade de escolha para buscar algo ou alguém dentro da política que possa lhe garantir conforto sobre sua insegurança. E é nesse momento que começam a surgir os inúmeros posicionamentos e diversas linhas de pensamento são debatidas.

3 Discurso Político e as Redes Sociais

Tratando sobre liberdade de escolha, na política devemos falar sobre as duas principais linhas políticas que englobam ideologias que se divergem uma à outra. Falaremos sobre os conceitos de direita e esquerda, e os atuais discursos que acompanham quem opta por uma destas linhas de pensamento.

Um dos maiores filósofos de política do século XX, o italiano Norberto Bobbio, abordou em suas obras, estudos sobre os termos direita e esquerda. Segundo ele, “esquerda e direita são termos que a linhagem política passou a adotar no decorrer do século XIX, e preserva até hoje, para representar o universo conflituoso da política” (BOBBIO, 1995, p. 92). Ou seja, são termos usados para simbolizar as diferentes ideologias dentro da política. Porém elas

[...] não indicam apenas ideologias. Reduzi-las a pura expressão do pensamento ideológico seria uma indevida simplificação. “Esquerda” e “direita” indicam programas contrapostos com relação a diversos problemas cuja solução pertence habitualmente a ação política, contrastes não só de idéias, mas também de interesse e de valorações [*valutazion*] a respeito da direção a ser seguida pela sociedade, contrastes que existem em toda sociedade e que não vejo como possam simplesmente desaparecer (BOBBIO, 1995, p. 33).

Dentro desses contrapostos, o maior contraste entre direita e esquerda é a visão em relação às divergências da sociedade. Ainda de acordo com Bobbio (1995), o que difere as duas correntes são os pensamentos que cada uma delas possuem como sendo o ideal de igualdade. Para ele, a direita representa o que ele chama de “inigualitária” - não no sentido negativo -, pois além de acreditar que não há como eliminar as diferenças naturais existentes entre homens, defende que essas distinções são de certa forma benéficas, pois contribuem na luta pela melhora da sociedade. Para a direita, a única forma de acabar com a “inigualitaridade” é reprimindo a liberdade. Já a esquerda, por sua vez, representa a luta contra a desigualdade, causada pela hierarquia social, que privilegia classes. Ela tem como modelo uma sociedade justa e que promove a igualdade, em relação a direitos, sociedade e na política. Bobbio (1995, p. 95) diz que

o critério mais freqüentemente usado adotado para distinguir a direita da esquerda é a diversa postura que os homens organizados em sociedade assumem diante do ideal de igualdade, que é, com o ideal da paz, um dos fins últimos que os homens se propõem a alcançar e pelos quais estão dispostos a lutar.

Dentro destas dicotomias existem as ideologias que se divergem em seus pensamentos. Segundo Bobbio (1995), está inserido na direita o conservadorismo, o tradicionalismo e de cunho autoritário está o fascismo. Já na esquerda, ele afirma que está anexado o socialismo científico e o anarco-libertarismo. Também existe o liberalismo que está presente em ambas, mas em situações diferentes. Podemos também acrescentar às ideologias de direita, o capitalismo, e às de esquerda, o comunismo que assim como o fascismo é considerado autoritário.

Considerando que há liberdade na sociedade para decidir qual dos lados simpatizar, até mesmo apoiar as ideias de ambos os lados, e tendo em vista que tanto a direita

quanto a esquerda possuem como objetivo lutar pela paz, porém através de pensamentos distintos, a única forma para que haja equilíbrio é através da democracia.

Wainer Antonio Silva e Renato Almeida de Moraes (2019), autores de um artigo sobre os conceitos bobbianos de direita e esquerda, explicam que para Bobbio, a democracia trata-se um conjunto de leis validadas coletivamente por meio da maioria. Também afirma que aqueles que têm o poder de decidir, ou seja, a sociedade, possam fazer a escolha que deseja livremente. Bobbio em seus pensamentos sobre democracia, criou seis aspectos que devem ser levados em consideração, o que ele chama de “procedimentos universais”:

a) todos os cidadãos que tenham atingido a maioria, sem distinção de raça, religião, condições econômicas, sexo, etc., devem gozar dos direitos políticos [...]; b) o voto de todos os cidadãos deve ter peso idêntico [...]; c) todos os cidadãos que gozam dos direitos políticos devem ser livres de votar segundo a própria opinião, formada o mais livremente possível, isto é, em uma livre concorrência entre grupos políticos organizados, que competem entre si para reunir reivindicações e transformá-las em deliberações coletivas; d) devem ser livres ainda no sentido [...] de terem reais alternativas, isto é, de escolher entre soluções diversas; e) para as deliberações coletivas como para as eleições dos representantes deve valer o princípio da maioria numérica [...]; f) nenhuma decisão tomada pela maioria deve limitar os direitos da minoria (BOBBIO, 1983, apud SILVA e MORAES, 2019, p. 178).

Atualmente no Brasil, como em muitos outros países, a democracia é exercida pela sociedade por meio do voto. É através dele que todos escolhem quem governará o país e outros cargos de autoridade, de acordo com sua linha de pensamento, buscando o melhor para a nação. Porém, mesmo que ainda haja a liberdade de cada indivíduo em escolher quem apoiar e depositar o seu voto, nos últimos anos o país tem enfrentado um enorme crescimento da polarização.

Todos os dias debates ideológicos estão em pauta, devido às várias correntes ideológicas presentes nos diversos discursos da sociedade e de seus governantes. O que de certa forma é saudável que haja uma discussão para que novos pontos de vista sejam criados e busquem o crescimento do conhecimento. No entanto, nos últimos tempos os posicionamentos político-ideológicos têm se tornado um jogo, onde um lado está totalmente certo e o outro está totalmente errado, ou vice-versa, e conseqüentemente tem sido usado com forma de julgamento sobre a índole de cada indivíduo fazendo com que até o caráter de uma pessoa esteja interligado e seja julgado por meio do seu posicionamento político.

O crescimento no uso das redes sociais foi em parte o grande responsável por essa polarização. Como já disse Recuero (2009), são nelas que ocorrem as principais discussões em razão de serem também um ambiente de grande fluxo de informações. Na verdade, elas se tornaram o principal meio de comunicação por onde cada indivíduo da sociedade e até os

próprios políticos manifestam seu discursos de posicionamentos e às vezes - não muito raro - de forma intolerante, atacando pensamentos e ideias que se divergem à sua.

Existem vários fatores que contribuem para que ocorra essas ações. Um deles é que a distância física que a internet oferece faz com que os usuários se sintam protegidos e assim possam falar o que desejam sem medo. Outro fator é que dentro do infinito número de usuários das redes sociais, as chances de encontrar indivíduos com os pensamentos em comum são enormes, o que pode acabar criando cada vez mais agrupamentos, que resultam conseqüentemente em polarização. Jorge Machado e Richard Miskolci (2019, p. 954), autores de um artigo sobre o papel das redes sociais na polarização política brasileira, salientam que

O uso de plataformas de comunicação online introduziu o usuário em um contexto altamente individualizado em que as relações mesmo sendo diretas ganham impessoalidade. Comportamentos e opiniões que não seriam tolerados em relações face a face passam a se expressar gerando apoios e rejeições para se tornar consensos polarizados. No que se refere à plataforma em questão, seu algoritmo que cria relações, indica “amigos” e oferece “experiências personalizadas”, acrescenta condições para que o usuário passe a viver dentro de uma “bolha de opinião” que reforça suas convicções e amplia suas divergências em relação a outras não apenas no que se refere a temas macro políticos, mas sobretudo comportamentais.

Um dos grandes problemas desta polarização é que, em certo ponto, não se trata mais de apenas divergências de pensamentos. São incontáveis as situações que ocorrem na sociedade em que o que realmente se necessita é de uma ação que busque a melhor solução para o problema, sem se basear em ideologias e livre de discursos que aproveitam a situação para promoção política, porém o que ocorre é o contrário disso. Atualmente as disputas de discursos políticos estão acima até mesmo do bem comum, que deve ser feito em conjunto, fazendo com que cada vez mais se perca a sensibilidade humana e a forma certa de fazer política.

A internet como já mencionamos anteriormente tem grande peso nas relações entre indivíduos na atualidade. Por meio da força das redes sociais, a internet se tornou hoje o grande palco para discussões, desde assuntos de importância para a sociedade a assuntos banais. Seu poder tem a capacidade de fazer refletir sobre vários aspectos e conseqüentemente transformar, ou até modificar, o modo de pensar dos seus usuários, tanto para melhor, quanto para pior.

Recuero (2009, p. 3) afirma que as “redes sociais na Internet podem ser muito maiores e mais amplas que as redes offline, com um potencial de informação que está presente nessas conexões.” Isso porque as redes sociais dentro da internet foram capazes de dar voz e conectar indivíduos de diferentes idades, classes sociais, etnias, gêneros, culturas, crenças religiosas, entre outros, que desejam expor suas opiniões e serem ouvidos,

contribuindo para que assim novos pontos de vista fossem apresentados, gerando debates sobre diversos temas, e até mesmo sobre assuntos que não se pensava que havia mais de uma linha de pensamento.

Porém ao mesmo tempo que possuem liberdade de opinião, também estão fadados a serem expostos tanto a apoio, quanto a réplicas de outros usuários que não possuem a mesma visão sobre um mesmo assunto, e desejam manifestar seus pontos de vista também. O objetivo na maioria das vezes é o mesmo: encontrar soluções de modo que seja o melhor para todos. E é neste ponto que os debates começam, podendo eles serem discussões saudáveis ou em casos não muito raros, ofensivas. Citando os conceitos de Ogburn e Nimkoff (1975), Raquel Recuero (2009) afirma que há três tipos de processos sociais que ocorrem entre pessoas, e que assim também acontece nas redes sociais, que são a cooperação, competição e conflito.

Cada um desses processos tem, assim, impacto diferenciado na estrutura social. Enquanto a cooperação é essencial para a criação e a manutenção da estrutura, o conflito contribui para o desequilíbrio. A competição, por outro lado, pode agir no sentido de fortalecer a estrutura social, gerando cooperação para atingir um fim comum, proporcionar bens coletivos de modo mais rápido, ou mesmo gerar conflito, desgaste e ruptura nas relações (RECUERO, 2009, p. 83).

O impacto gigantesco que as redes sociais têm causado, fruto destas conversas que muitas vezes parte do meio online, pode-se afirmar que tem a capacidade de decidir o que ocorrerá na vida fora do virtual. Podemos ver que a influência delas é tão grande que até autoridades políticas têm se utilizado destas ferramentas como púlpito, expondo suas ideias em busca de apoiadores.

Um grande exemplo no Brasil desta força é o presidente da República Jair Bolsonaro, que tem feito isso desde antes de se candidatar à presidência da República em 2018. Foi através das redes sociais, principalmente pelo Twitter, que Bolsonaro se consolidou como forte candidato a presidência e posteriormente venceu as eleições. Atualmente também é por meio do Twitter que faz seus anúncios como uma forma de canal oficial.

Como percebe-se, essas redes sociais, em especial o Twitter, tem sido nos últimos anos palco para muitos debates importantes e de interesse unânime. A pandemia do coronavírus é um dos grandes exemplos de assuntos discutidos na plataforma durante meses desde o seu surgimento. Isso porque todo o mundo se mostrou preocupado com a situação, devido ao risco à saúde que ele apresenta, e sobre quais as providências tomadas para evitar sua propagação.

4 Análise

Antes de iniciarmos esta análise é importante contextualizarmos todo o cenário que deu origem às publicações ora averiguadas. Surgido na China em novembro de 2019, o coronavírus se espalhou rapidamente por todo o mundo, fazendo mais de um milhão de vítimas fatais, e quase 55 milhões de infectados, até metade de novembro de 2020.

De acordo com o site do Ministério da Saúde (2020), “a COVID-19 é uma doença causada pelo coronavírus, denominado SARS-CoV-2, que apresenta um espectro clínico variando de infecções assintomáticas a quadros graves”. A doença pode se apresentar como um resfriado na maioria dos casos, ou de forma assintomática. Porém em alguns casos é preciso de suporte respiratório, devido à falta de ar, que apresenta em casos graves da doença. O vírus é transmitido através de tosse, espirro, catarro, gotículas de saliva ou contato com objetos contaminados. Por isso algumas das principais recomendações da Organização Mundial da Saúde (OMS), é usar máscaras, higienizar as mãos com sabão e água ou álcool em gel, manter a distância segura de outras pessoas, e evitar aglomerações, se possível ficando dentro de casa.

O coronavírus pode apresentar índice letal para pessoa de grupo de risco como idosos, portadores de doenças crônicas, como diabetes e hipertensão, ou que possuem doenças respiratórias. Porém pessoas fora deste grupo não estão imunes totalmente à letalidade desta doença, e ainda podem correr risco de morte.

Devido à inexistência imediata de um remédio para cura e se espalhando rapidamente por todos os continentes, autoridades do mundo inteiro foram obrigadas a tomarem medidas de isolamento social, orientando a população a ficar em casa e fazendo bloqueio de estabelecimentos e atividades não essenciais, por um período de tempo. Em alguns países onde o número de infectados crescia rapidamente, foi decretado lockdown, onde o distanciamento social deixa de ser uma recomendação do governo e passa a ser uma obrigatoriedade.

Todo esse cenário começou com um grande debate nas redes sociais, após alguns líderes políticos se mostrarem a favor do isolamento social, enquanto outros afirmaram serem contra, alegando que o distanciamento social afetaria outros setores, como a economia. Essa divisão de pensamentos não se limitou apenas às autoridades, mas aos usuários das plataformas, que mostraram apoio para ambos os lados.

No Brasil o grande opositor às recomendações de quarentena foi o próprio presidente da República, Jair Bolsonaro, que em suas redes sociais deixava claro que o isolamento social e o fechamento de estabelecimento e de território trariam consequências

para o país. Suas afirmações geraram reações de apoio, mas também de repúdio por parte dos usuários.

Por outro lado, um dos grandes opositores às ideias de Bolsonaro, no meio político, é o governador de São Paulo, João Doria, que nas redes sociais incentivou a população a ficar em casa, alertando sobre o perigo que o coronavírus traz para a saúde. Ele também recebeu reações diversas a suas afirmações, assim como Bolsonaro.

Levando em consideração a difícil situação da pandemia do coronavírus e em que há reações, tanto da população, quanto de autoridades, analisaremos este cenário com base nos estudos de Zygmunt Bauman sobre a modernidade líquida, buscando verificar as características da liquidez na política através destes posicionamentos.

Para isso são consideradas apenas publicações do Twitter, sendo uma publicação de Jair Bolsonaro e uma de João Doria, as quais abordaram o assunto. E a partir delas analisaremos os comentários em ambas, coletados aleatoriamente, os quais também tratam do assunto, assim como as réplicas visíveis na página no dia 23/09/2020. Foram descartados comentários que possuíam memes, - muito comuns hoje na internet, são utilizados tanto para apoiar quanto para fazer uma crítica - visto que analisaremos apenas conteúdos escritos.

4.1 – Postagem de Jair Bolsonaro

Uma das publicações que coletamos para analisar trata-se de uma postagem feita pelo presidente da República no dia 12 de abril de 2020. Junto à publicação escrita, o presidente postou um vídeo onde mostra uma rodovia interditada por carros em protesto às medidas do governador do Pará, que decidiu fechar estradas como ação em combate contra o coronavírus.



Jair M. Bolsonaro ✓
@jairbolsonaro

- Além do vírus, agora também temos o desemprego, fruto do "fecha tudo" e "fica em casa", ou ainda o "TE PRENDO".
- Para toda ação desproporcional a reação também é forte. O Governo Federal busca o diálogo e solução para todos os problemas, e não apenas um.

Usando o vídeo como exemplo, o presidente afirma em sua publicação que fazer bloqueio total e manter a população em casa trará o desemprego. Bolsonaro admite que o

vírus é um problema, porém salienta que fazer isolamento social resultará em mais complicação.

Essa manifestação do presidente pode ser analisada de duas maneiras. A primeira é que o temor em relação ao desemprego pode ser realmente genuíno, já que muitas pessoas podem perder o emprego e estabelecimentos fecharão as portas permanentemente, o que causa uma grande crise econômica no país. Na publicação, Bolsonaro diz que o governo busca soluções não só para a situação do coronavírus, mas para que outras áreas também. Porém é contra a medida de isolamento recomendada pela OMS que incentiva a população a ficar em casa, como única medida até agora para prevenir o contágio.

A segunda maneira de analisarmos é que, como já tratamos neste artigo, Bauman (2007) diz que durante a modernidade líquida as autoridades tendem a usar a tática da dominação, utilizando-se da insegurança já existente na sociedade para que, de alguma forma, possa controlar a população, apresentando-se como principal provedor de segurança, assim como ocorria na modernidade sólida. Em um mundo pandêmico, onde a segurança de todos está em risco, palavras de conforto e de seguridade são o que todos querem ouvir. Ou seja, o objetivo neste caso é voltar à solidez da modernidade, onde o Estado tinha seu poder consolidado. Como Bauman (2000) explica, devido à rápida globalização, que começou a ocorrer com a chegada da modernidade líquida, a política perdeu grande parte do seu poder, e portanto, as instituições políticas não foram mais capazes de garantir segurança.

Dessa forma podemos considerar as palavras do presidente como característica da modernidade sólida, pois mesmo que seja sincero ou não ao demonstrar preocupação em relação ao perigo do desemprego devido isolamento social, ele afirma que o governo está trabalhando por soluções. E como já salientamos, afirmar que o Estado é capaz de suprir as necessidades da população é claramente uma característica do tempo sólido.

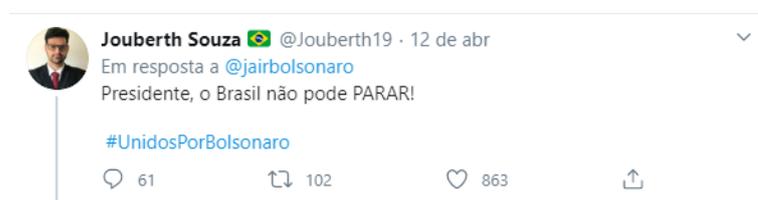
De fato, do ponto de vista de Bauman (2001), as atitudes do presidente do Brasil podem ser realmente consideradas sólidas, já que Bolsonaro se declara como um político de direita simpatizante do conservadorismo, que possui suas bases no tradicionalismo presente na modernidade sólida. O filósofo afirma que durante a fase de liquefação da modernidade, os primeiros sólidos a serem derretidos foram “as lealdades tradicionais, os direitos costumeiros e as obrigações que atavam pés e mãos, impediam os movimentos e restringiam as iniciativas” (BAUMAN, 2001, p. 10). Ou seja, a tradicionalidade que é defendida pelo conservadorismo fazia parte da modernidade sólida, porém com a mudança para a modernidade líquida não resistiu ao inevitável derretimento.

Devemos salientar que a preocupação do Estado em relação à economia não vem só do desemprego, devido aos cidadãos ficarem sem trabalhar em função do isolamento, mas também do consumo. Apesar de não possuir poder sobre a economia e o mercado consumista, afinal, segundo Oliveira (2012), no tempo líquido o Estado oferece auxílio apenas tirando os obstáculos que impedem a economia de crescer, o governo perde dinheiro com a baixa arrecadação de imposto de diversos setores e estabelecimentos, que ficaram fechados durante a pandemia. Com as pessoas em casa e com o fechamento de comércios e espaços de lazer, o consumo diminui, o que afeta diretamente na economia.

Portanto, mesmo que a postura do presidente seja conservadora, caracterizando-se como sólida ao colocar o Estado na posição de provedor que buscará soluções para a sociedade, suas ações de certa forma também são líquidas, pois busca eliminar barreiras que dificultam o crescimento da economia, papel desempenhado pelo Estado durante a modernidade líquida, ao criticar o *fecha tudo*.

Mas essa aflição não se limita apenas aos governos. A cultura consumista em sua maior parcela parte da sociedade que, na sua forma líquida, busca satisfação através do consumo desenfreado. Bauman (2001) explica que, na modernidade líquida, o consumismo é como uma corrida sem fim em busca da satisfação, o que não acontece quando se alcança a linha de chegada, mas nem por isso os consumidores deixam de buscá-la. Isso só os impulsiona a tornarem-se compulsivos.

Por fim, após analisarmos a publicação do presidente Jair Bolsonaro, a partir de agora daremos início a uma investigação sobre os comentários contidos nela, buscando compreender se seus seguidores também se comportam de maneira sólida ou estão propensos a características líquidas.



Neste primeiro comentário podemos ver que o usuário concorda com o presidente, que o Brasil não deve parar devido à pandemia. Primeiramente devemos salientar que é muito comum que a maioria dos comentários sejam favoráveis ao dono da publicação. Isso porque na internet as pessoas costumam seguir outros usuários com os quais se identificam por possuir os mesmos pensamentos. Manuel Castells (2003, apud RECUERO, 2009, p. 142)

afirma que o usuário da internet escolhe com quais usuários terá interação e construirá “laços sociais”. Isso ocorre a partir de “seus interesses, valores, afinidades e projetos”. Por isso ele fala que nas redes sociais o individualismo “é um padrão social”.

Isso significa que usuários que não compactuam com as ideias do presidente não o seguem, e, portanto, possuem menor possibilidade de ver a publicação, e conseqüentemente respondê-la. Porém esse não é o caso, pois neste comentário pode-se ver claramente que se trata de um de seus seguidores, visto que ao final o usuário usa uma hashtag em apoio à Bolsonaro.

Voltando a analisar o texto, podemos presumir que quando o sujeito diz que *o Brasil não pode PARAR!* está expressando que teme que se o Brasil parar haverá conseqüências ruins. Esta preocupação pode ser relacionada à modernidade líquida, já que as incertezas do mundo líquido causam preocupação. Bauman (2000) diz que em época de crise não há como haver confiança ou se sentir seguro, o que dá sensação de incerteza.

Podemos supor que haja também individualismo no posicionamento do autor, já que ao dizer que o Brasil não pode parar devido às conseqüências como crise na economia, de certa forma anula o pensamento de preocupação com relação aqueles que são vulneráveis ao vírus. Então mais uma vez, vemos traços de liquidez neste discurso, devido à individualidade baseada na busca pela própria satisfação presente nele. Oliveira (2012) reforça que o indivíduo procura a felicidade na própria satisfação pessoal, não sendo solidário ou tendo qualquer compromisso com outros indivíduos. E isso se deve à forte individualização dos tempos líquidos modernos.

Porém, além disso, somos capazes de afirmar que mesmo sendo um comentário considerado líquido, os anseios do usuário é por solidez. Isso porque no tempo de modernidade sólida, como já falamos, as expectativas estavam sobre o governo, acreditando-se que o Estado tem o poder para intervir e fornecer segurança à população.



Tal como já mencionado, apesar de a maioria dos comentários ser composta por apoio, devido à bolha social criada por interesses, ainda assim existem comentários que são

contrários a essa massa. Talvez o motivo para acompanhar as publicações do presidente, seja não porque simpatiza, mas porque se trata do presidente da República e suas decisões têm grande peso. Recuero (2009, p. 37) afirma que as relações nas redes sociais “não precisam ser compostas apenas de interações capazes de construir, ou acrescentar algo. Elas também podem ser conflituosas ou compreender ações que diminuam a força do laço social”. Wellman (2001, apud RECUERO, 2009, p. 38) diz que os “laços consistem em uma ou mais relações específicas, tais como proximidade, contato frequente, fluxos de informação, conflito ou suporte emocional”. Ou seja, a relação entre usuários nem sempre se dá por concordâncias, mas sim por conflitos.

Nesse caso vemos dois comentários. O primeiro claramente antagônico em relação ao post de Bolsonaro. Chamando-o de *assassino*, o usuário se refere ao posicionamento do presidente, que é contra o distanciamento social, o que pode colocar a vida da população em risco. Ou seja, o autor não confia nas decisões do governo para arcar com as necessidades e oferecer a segurança que os cidadãos precisam em um momento de incertezas e medo. Esta situação visivelmente está de acordo com o que Basílio (2010) disse sobre a sociedade não confiar mais na proteção do Estado durante os tempos de liquidez. Logo podemos considerar este comentário como líquido.

Já o segundo comentário trata-se de uma resposta ao post do usuário acima, chamando-o de *irracional*. Provavelmente trata-se de alguém a favor do posicionamento do presidente e que deposita sua confiança nas ações dele. Podemos ver que entre o usuário acima e Bolsonaro, o autor desta publicação optou por apoiar o presidente. Só pelo simples fato de o autor possuir o poder de escolher, já prova a liquidez presente. Bauman (2001) diz que o derretimento dos sólidos desprende a liberdade individual das amarras que impediam o indivíduo de fazer suas próprias escolhas. Portanto, assim como o autor acima escolheu fazer uma crítica, este segundo autor também fez uso da mesma liberdade para discordar.

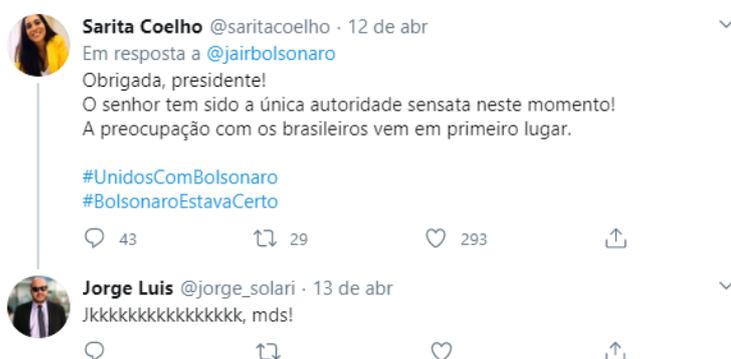


Primeiramente, podemos observar neste comentário que não se trata de um perfil pessoal, mas sim de um perfil de apoio ao patriotismo. Durante as eleições para a presidência do Brasil em 2018 e posteriormente, tornou-se muito comum a criação desses perfis de cunho

patriota. A maioria é baseada em ideias bolsonaristas. Portanto além do texto de aprovação às palavras do presidente, podemos comprovar que o perfil foi criado com esse objetivo.

Analisando o comentário, vemos que ao mencionar *guerra* o autor pode estar se referindo à guerra ideológica que se transformou durante a pandemia, deixando a saúde de lado, da qual deveria ser a principal preocupação, e focando em uma guerra de lados, onde alguns concordam que deve existir isolamento social e outros defendem que a quarentena trará consequências maiores para o país. Vale lembrar que essa guerra ideológica sempre foi uma marca tanto da campanha eleitoral quanto agora no governo do atual presidente e que apenas continua na pandemia. Silva e Moraes (2019, p. 184) falam que de acordo com os pensamentos de Bobbio, “enquanto existirem conflitos, a visão dicotômica não desaparecerá”. Segundo os autores, está é a razão pela qual essas divisões continuam a existir, e ficam mais aparentes “em períodos de conflito, como em épocas eleitorais”.

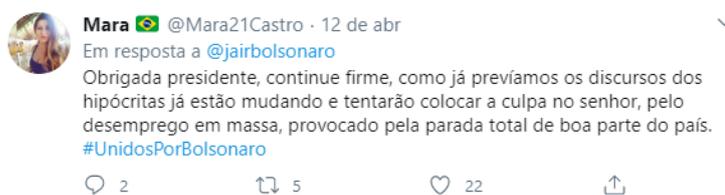
Este segundo grupo é de pessoas influenciadas pelos pensamentos de Bolsonaro, e de indivíduos que sentem medo do desemprego, devido à instabilidade financeira que o coronavírus trouxe a muitos estabelecimentos e empresas. A preocupação com economia neste caso também pode estar ligada ao consumismo, como já mencionado. Afinal, a "insegurança — tanto financeira quanto emocional - está no cerne dos anseios consumistas" (ANGELIS, 2004 apud BAUMAN, 2007, p. 150). Constatando-se que se trata de um perfil de apoio à Bolsonaro, onde fica claro que o autor simpatiza não só com o posicionamento do presidente em relação à pandemia, mas assim com o bolsonarismo em geral. Levando em considerações os motivos citados que influenciam indivíduos a simpatizar com as ideias do presidente, e os estudos de Bauman (2001) sobre a modernidade líquida, podemos afirmar que se trata de um posicionamento líquido.



Temos novamente um comentário que contém uma resposta. O primeiro, mais uma vez, trata-se de alguém que demonstra confiança nos posicionamentos do presidente, já

que alega que ele *tem sido a única autoridade sensata* durante a pandemia. Levando em consideração o trecho do comentário onde o autor fala que *a preocupação com os brasileiros vem em primeiro lugar*, e o cenário atual, onde a principal preocupação da sociedade em geral é em relação à saúde, devido à periculosidade do vírus, este comentário mostra-se contraditório, já que Bolsonaro não considera necessário o isolamento, o qual é considerado por órgãos de saúde no mundo inteiro como a melhor forma de impedir o avanço do contágio. O comentário também traz hashtags de apoio, assim como no primeiro comentário analisado. Novamente podemos salientar que a insegurança da modernidade líquida, faz com que a sociedade se agarre a ideias e pessoas com pensamentos sólidos. É como encontrar uma boia em meio a um naufrágio em alto-mar. Ela se torna sua esperança. Isso porque, segundo Bauman (2007), não podemos ter controle sobre as mudanças que ocorrem a todo instante e por isso focamos no que cremos ter capacidade, que trata-se de tentar diminuir assim as inúmeras ameaças que fazem parte do futuro incerto que vivemos.

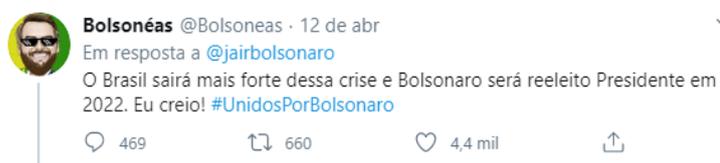
Já na resposta logo abaixo, o autor usou de ironia para discordar, que foi expressa através de risada e com a abreviação *mds!*, que significa ‘meu Deus!’. Logo percebemos que este usuário não compactua com as atitudes de Bolsonaro e de seus seguidores, e que não acredita que o presidente tenha bom senso e capacidade para lidar com a situação, como o usuário acima afirma. Mais uma vez as palavras de Basílio (2010) e de Bauman (2001) confirmam a liquidez neste comentário, já que mesmo com o tempo de incerteza que se intensificou com a pandemia, ainda há pessoas que não acreditam que o Estado possa livrá-las dos perigos que trazem insegurança.



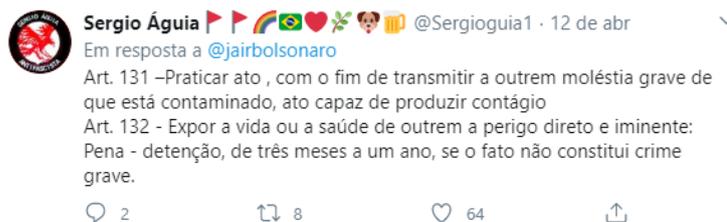
Como em alguns comentários anteriores, este também se trata de alguém que deposita sua confiança no presidente. No texto, o autor além de agradecer ao presidente por seu posicionamento, afirma que fazer o Brasil parar provocará desemprego. E que devido a isso, pessoas ou autoridades que são a favor da quarentena, os quais o autor chama de *hipócritas*, colocarão a culpa da crise na economia em Bolsonaro. O usuário assim como em algumas publicações que vimos, também usa a hashtag de apoio ao presidente.

Analisando o texto, podemos observar que há traços de polarização presentes na fala do autor, já que este demonstra aversão total a alguns discursos e se solidariza com o presidente, que, segundo o autor, será apontado como culpado pelas consequências da pandemia. Mais do que estar preocupado com a grave crise na saúde mundial, o autor está preocupado com quem tomará a culpa pelos efeitos do cenário atual. A polarização conforme vimos, resulta de divisões de opiniões e se intensificou nos últimos anos devido às redes sociais, que, de acordo com Machado e Miskolci (2019), aproximou ainda mais pessoas com opiniões semelhantes, criando-se uma bolha. Portanto este comentário é um exemplo claro sobre o assunto.

Levando em consideração estes aspectos, se examinarmos do ponto de vista baumaniano, percebe-se que há presença de liquidez já o autor busca eliminar a insegurança e instabilidade no posicionamento de Bolsonaro. Também podemos acrescentar a este diagnóstico a polarização, que pode ser levada em conta como parte da modernidade líquida. Isso porque pessoas que escolhem um determinado posicionamento, de acordo com seus interesses, elas o fazem de forma livre, ou seja, não sendo forçados pelo Estado a apoiar uma linha de pensamento. A polarização, além disso, diz muito sobre o individualismo, colocando como correto só olhar para o aspecto econômico, ignorando todo o resto.



Vemos agora um perfil que claramente foi criado para apoio a Bolsonaro. Com nome de usuário, *Bolsonéas*, e foto de perfil que fazem alusão a ele. No texto podemos perceber que se trata de um comentário otimista aos posicionamentos do presidente, e afirmando que o Bolsonaro será reeleito em 2022. Percebe-se que intenção do autor não se limitou a tratar apenas da crise do coronavírus, mas usou da situação para promover a candidatura de Bolsonaro na próxima eleição. Isso pode ser um dos sinais de individualismo, tratado por Oliveira (2012), e novamente de polarização, como também tratado por Machado e Miskolci (2019), pois o foco está em promover através da rede social uma linha política e seus interesses de forma individual, deixando de lado aspectos importantes que devem ser pensados no coletivo, como a saúde nesse caso.



Diferentemente dos outros comentários, neste, o autor traz em seu texto dois artigos do Código Penal, que tratam sobre o ato de transmitir uma doença por quem está contaminado, colocando em risco a saúde de outros indivíduos, sendo considerado crime. Sendo assim vemos que o objetivo deste usuário era afirmar que o posicionamento do presidente, além de pôr em perigo a população, também se caracteriza como crime, que se praticado, deve ser respondido. Portanto, fica nítido que o autor deste comentário é contra a postura de Bolsonaro.

Referências à modernidade líquida podem ser observadas neste comentário. Primeiramente, por se tratar de um comentário antagônico aos posicionamentos do presidente, o que prova mais uma vez que há liberdade de escolha para se posicionar contra o Estado. Outro fator importante é que se trata de uma crítica, que mostra que as atitudes do presidente podem trazer consequências, não só para a população, mas também para ele. Bauman (2001) explica que a crítica faz parte da sociedade líquida, pois faz uso da liberdade presente nela para se expressar quando há insatisfação. Para o autor atualmente somos mais propensos à crítica do que nossos antepassados em sua época.

Também podemos atribuir a tal comentário a sensação de insegurança, já que ao salientar que Bolsonaro esta descumprindo regras da lei, colocando a população em risco, o autor está expressando sua descrença no caráter do presidente, e conseqüentemente a insegurança surge ao compreender que a autoridade mais importante do país não está trabalhando para proteger a sociedade como deveria.



Por último, outra vez nos deparamos com outro seguidor de Bolsonaro, o qual alega em seu comentário que os governantes de alguns estados e o ministro do STF, referindo como *aquela*, sem citar o nome, são os culpados pelas consequências do isolamento. Também

diz que a população irá cobrá-los por esses efeitos. Este ato de cobrança que parte da sociedade está presente no tempo líquido, já que nesta época os indivíduos, como falamos acima, estão mais dispostos à crítica, e começam a questionar as ações do Estado. Citando Cornelius Castoriadis (1991), Bauman (2001) diz que “uma sociedade autônoma, uma sociedade verdadeiramente democrática, é uma sociedade que questiona tudo o que é pré-determinado”.

Também observando as hashtags usadas, devemos falar de mais um fato que ocorreu durante a pandemia. A primeira hashtag fala de *Apocalypse Viral Fake*. Ou seja, afirma que a crise do coronavírus nunca existiu. Com a disseminação em massa de fake news nas redes sociais, muitas pessoas passaram a acreditar que o vírus não é real, que não possui capacidade mortal, ou que os números de contaminados mundialmente são manipulados, acreditando que esses são bem menores do que os divulgados na mídia. Bolsonaro em certo ponto da pandemia chegou a minimizar a proporção da doença, o que contribuiu para que muitos não acreditassem no real perigo que o coronavírus representa. Analisando sobre a vida líquida, diz Bauman (2007, p. 166) que para as autoridades políticas, a falta de vontade para buscar entender e se envolver com a política, que resulta na ignorância dos eleitores, são atitudes bem aceitas, pois através do desconhecimento e da incerteza, é mais fácil dominar, e também “é mais confiável e barata do que um governo com base num profundo debate dos fatos e num longo esforço de atingir a concordância quanto à verdade e às formas menos arriscadas de proceder”.

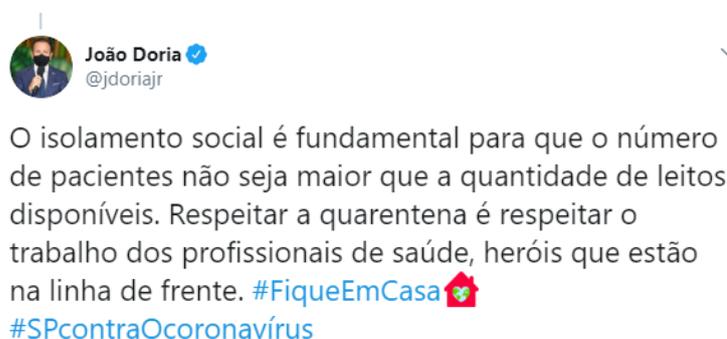
Relacionado ao comentário, podemos perceber características da liquidez do mundo moderno, pois neste tempo uma parte da sociedade não sente vontade de buscar a veracidade sobre determinados assuntos, principalmente assuntos políticos ou de interesse público, e é facilmente manipulada. Isso pode ocorrer, sobretudo em um tempo de incerteza, com a pandemia do coronavírus.

A segunda hashtag, *Fora Doria*, refere-se ao governador de São Paulo, João Doria, que, contrário aos posicionamentos de Bolsonaro, é adepto às recomendações da ciência, que incentiva a população a praticar o distanciamento social. Considerando as palavras de Bauman (2007) sobre a manipulação influenciada pelas incertezas, vemos que esse tipo de ação contribui ainda mais para a polarização nos discursos políticos nas redes sociais, como salientaram também Machado e Miskolci (2019). Os autores confirmam que “o ‘efeito bolha’ das redes sociais, em que as visões de mundo acabam sendo reforçadas entre grupos específicos, também tem sido foco de preocupação pelo fato de formar consensos polarizados”. (PARISER, 2011 apud MACHADO e MISKOLCI, 2019, p. 946).

Se de um lado Bolsonaro colocou a economia como principal preocupação durante a pandemia, Doria optou por seguir as recomendações da OMS e incentivar os cidadãos a ficarem em casa para evitar o contágio da doença, colocando assim a saúde como prioridade, como veremos no tópico a seguir.

4.2 – Postagem de João Doria

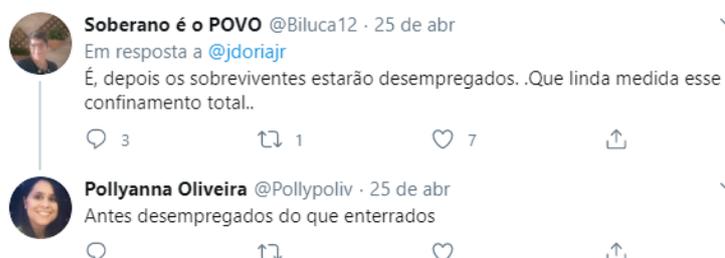
Analisaremos agora uma publicação feita pelo governador de São Paulo no dia 25 de abril de 2020, relacionado ao isolamento social, e comentários de seus seguidores na publicação, buscando entender seus comportamentos e averiguar se há liquidez em suas palavras e ações.



No texto da publicação, Doria fala sobre a importância de respeitar os profissionais da saúde e a quarentena, para que o número de infectados não aumente e assim falem leitos para atender os pacientes que precisam. Esta é uma das preocupações que surgiu em muitos lugares do mundo e também no Brasil, já que muitos pacientes que apresentam o estágio grave da doença precisam ser hospitalizados em leitos com respirador. O sistema de saúde de países como Itália chegaram a entrar em colapso, devido à superlotação de pacientes com coronavírus.

Analisando de acordo com as afirmações de Bauman (2001), o posicionamento do governador não pode ser considerado sólido, já que é diferente do presidente Bolsonaro. Doria apenas segue as medidas usadas na maioria dos países e recomendado pela OMS. Ao incentivar as pessoas a ficarem em casa, Doria não está tentando usar seu cargo de autoridade para impor o poder do Estado, como ocorre no tempo sólido. Pelo contrário. Seguir as recomendações indicadas pela ciência demonstra que Doria tem noção de que o Estado não tem mais poder para intervir, impondo sua própria solução diante deste cenário pandêmico. Dessa forma, o posicionamento de Doria se encontra nos tempos líquidos.

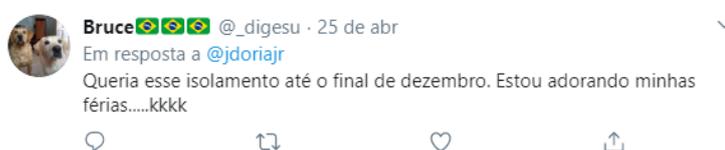
Assim como fizemos na publicação do presidente Jair Bolsonaro, passamos agora a analisar as interações dos internautas na publicação do governador João Doria. Iniciando nossa análise, podemos ver que estes dois comentários abaixo representam a principal dicotômica da qual estamos analisando.



No primeiro comentário, vemos que contém uma resposta. O usuário acima tem um posicionamento claramente antagônico às ações do governador, já que o autor diz que as medidas de confinamento fará com que muitos percam seus empregos. O posicionamento deste autor se assemelha aos comentários pró-Bolsonaro, analisados anteriormente, nos quais a insegurança em relação ao emprego se destaca. Bauman (2001) diz que a flexibilidade da modernidade líquida oferece empregos tão inseguros que não há quem se sinta insubstituível. Essa incerteza quanto ao futuro faz com que, durante a pandemia do coronavírus, alguns indivíduos considerem mais manter seu emprego, do que proteger a própria vida.

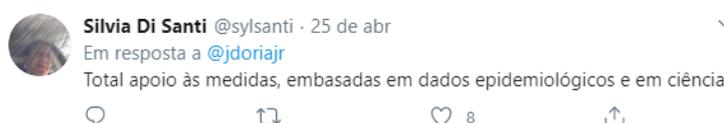
Já o autor do segundo comentário se posiciona discordando do primeiro. Sua resposta mostra que não se trata de alguém, cuja preocupação com emprego se sobressaia. Longe disso. O autor manifesta que a maior preocupação deve ser em relação à própria saúde, ao salientar que mais vale estarem desempregados do que mortos pelo vírus. Estar mais aflito em relação à saúde, ao invés do desemprego, não invalida a liquidez do posicionamento, pois a insegurança em relação ao futuro ainda está presente. Ou seja, a preocupação continua, apenas o foco é distinto.

Podemos acrescentar que a presença de liquidez nos comentários também se dá devido à fragmentação das informações e opiniões. Pois ir de acordo ou contra os posicionamentos do governador, faz parte da liberdade de escolha dada pela modernidade líquida.



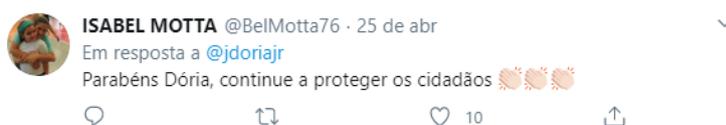
Neste outro comentário observamos que novamente um autor fez uso da ironia para discordar. Dessa vez, o usuário se opõe ao posicionamento de Doria tratando sarcasticamente o isolamento como *férias*, desejando que o isolamento siga até dezembro, e terminando sua afirmação com risada. Interpretamos, assim, que o autor não se mostra preocupado em relação ao vírus. Porém, ao definir ironicamente o isolamento social como *férias*, podemos afirmar que é neste ponto que mora sua insegurança. Isso porque caso a quarentena se estenda por muitos meses, provavelmente pessoas perderão seus empregos devido à crise econômica que surgirá no mercado de trabalho. Considerando a forma do autor de se expressar, e os conceitos de Bauman (2001), somos capazes de enxergar liquidez em seu posicionamento, pois além de não confiar que as medidas salientadas por Doria sejam a melhor opção para o momento de incerteza que todos estão enfrentando, também demonstra insegurança quanto ao emprego.

Assim como vimos na publicação de Bolsonaro comentários de pessoas que são contra as medidas de isolamento e confiam nas ações do presidente, também existem aquelas que defendem o isolamento social, e confiam nas palavras e ações de Dória, como observamos na postagem seguinte.



Podemos perceber que o autor demonstra confiar no governador por serem ações que vão ao encontro das medidas criadas com base na ciência e na medicina, ou seja, são ações baseadas em algo concreto. Observamos que o autor não é necessariamente alguém que apoia o Estado, porém entende que desta vez o governo está se posicionando de maneira correta. O que conseqüentemente diminui a sensação de insegurança, porém não a anula por completo, pois este cenário pandêmico continua sendo um momento de incerteza, insegurança, e constantes mudanças. Como sabemos, no mundo líquido a segurança e a certeza são apenas satisfações temporárias (BAUMAN, 2001).

O apoio é compartilhado na postagem a seguir.



Aqui está claramente um exemplo do que falamos acima. O autor deste comentário, além parabenizar Doria por suas ações e posicionamentos, afirma que o governador deve continuar protegendo os cidadãos. Sabemos que o Estado não tem mais

capacidade de garantir proteção absoluta à população. Porém o pouco que faz alivia pelo menos um pouco da inquietação em tempos de crise. Como Bauman (2007) explica, em tempos de liquidez como este, temos tendência de focar no que pode diminuir os riscos do futuro desconhecido.

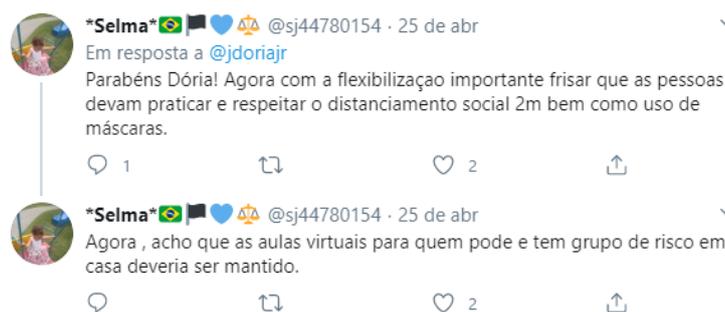
Abaixo analisaremos três comentários de uma só vez, devido à semelhança que há entre eles.



Percebemos que, assim como no comentário analisado anteriormente, nestes, os três em suas palavras também apoiam Doria. É importante mencionarmos que assim como nas publicações de Bolsonaro, confirmamos aqui o que falamos sobre a maioria dos comentários ser composta por apoiadores, como Recuero (2009) trata ao explicar que os usuários escolhem com quem querem criar laços na internet, e o fazem de acordo com seu interesse.

Levando em consideração o contexto da pandemia do coronavírus e analisando de acordo com as ideias de Bauman, constatamos a intensificação de temores que surgiram com a liquidez da modernidade. Também não podemos contar com a total proteção do Estado, que não pode mais garanti-la. Porém, como já salientamos, o pouco de esperança de seguridade oferecida é suficiente, mesmo que temporariamente, para diminuir nossa ansiedade em relação ao porvir. Frattari (2008), como já vimos, também diz que as incertezas da vida líquida que nos causam medos também são as mesmas que nos fazem ser atraídos por qualquer coisa que possa ser atribuída à seguridade.

Veremos agora que algo parecido com que acabamos de falar acontece nestes comentários abaixo.



Aqui observamos que são dois comentários seguidos, feitos pelo mesmo autor, diferentemente do que já vimos. E nele, novamente se trata de mais um usuário que parabeniza o governador. Porém desta vez o autor fala sobre a importância de algumas medidas durante a fase flexibilização, que é quando governo de São Paulo iniciou a reabertura gradativa de comércios e serviços para evitar uma crise econômica no estado. Também demonstra preocupação com as aulas online, que, segundo o internauta, deve continuar pelo meio virtual para aqueles que pertencem a grupos de risco. Ou seja, percebe-se aqui o medo de que a situação piore e a insegurança devido à flexibilização, produzem a paixão pela seguridade da qual tratamos anteriormente.

É relevante frisar que o autor reforça em seus comentários as recomendações da OMS para que evidentemente não haja aumento no número de casos da doença. E esse cumprimento das medidas deve ser feito pela população. Além da paixão pela segurança, Frattari (2008) também afirma que, essa seguridade é um trabalho que deve ser feito por cada indivíduo, pois a vida líquida é individualizada e privada, e esperar que o Estado faça algo é uma ilusão. Quer dizer, no fundo o autor do comentário sabe que não há como o governador garantir a segurança de todos. Portanto cabe à população a responsabilidade de diminuir a própria insegurança.

Outro fator importante a discutir é que nos comentários coletados da publicação de Doria vemos que diferentemente dos de Bolsonaro, não apresentam polêmicas. Em sua maioria trata-se de mensagens parabenizando e agradecendo ao governador por suas atitudes. Já nos comentários contidos na postagem do presidente, observamos que também são majoritariamente de apoio a ele, pois como já falamos, devido às relações construídas através de interesses que são responsáveis pela criação de laços dentro das redes sociais, é esperado que a maioria dos comentários sejam a favor de seus posicionamentos, porém estes apresentam um tom de defensiva em sua mensagem e algumas controvérsias.

5 Considerações Finais

Mesmo tendo posicionamentos distintos, e assim recebendo comentários favoráveis e contrários, ao analisar as publicações das duas autoridades políticas, podemos concluir que ambas sofrem dos mesmos males que rodeiam a sociedade líquida moderna. E não há possibilidade de fugirem disso.

Começando por Bolsonaro, vimos que, mesmo possuindo ideias sólidas pela tendência ao conservadorismo do seu governo, o presidente tem que lidar com o mundo líquido, e até mesmo com a própria liquidez que apresenta ao se preocupar com a economia. Não há como voltar à época de solidez. Afinal como Bauman (2001) afirma, os sólidos foram todos derretidos, e mesmo que o objetivo fosse construir novos sólidos perfeitos, isso não ocorreu e certamente nunca ocorrerá. Portanto, a única coisa que resta ao presidente é tentar tirar proveito das fragilidades da vida líquida em favor do Estado.

Já Doria, concluímos que diferente de Bolsonaro, aceita a liquidez do mundo moderno, onde o Estado só executa suas obrigações para com a sociedade. Principalmente em uma situação tão difícil como a pandemia onde não há muito que se possa fazer, o governador não tenta impor suas próprias regras baseado em suas convicções, mas apenas demonstra seguir as recomendações repassadas pela OMS e pelos especialistas em saúde. Com isso, está clara a sua posição de crítica à postagem de Bolsonaro, o que leva à fluidez desses tempos líquidos.

Através dos comentários comprovamos as características da liquidez em todos os quais analisamos. Inevitavelmente, uma das grandes preocupações que surgiu durante a pandemia foi a insegurança em relação à saúde da população, que se encontra sob ameaça devido a um vírus desconhecido e com poder mortal. Mas também vimos que muitos deles expressaram suas inseguranças em relação ao desemprego, já que os empregos no tempo líquido são incertos por natureza, porém, com a pandemia, a preocupação com o mercado de trabalho se intensificou ainda mais. Portanto, percebemos que o foco das preocupações, dos interesses e dos medos são distintos, mas as incertezas, inseguranças e o medo originados do mundo líquido estão presentes em todos os casos.

Como consequência disso, observamos também dois grupos de pessoas, as que compactuam com os posicionamentos das autoridades, e as que não confiam nelas e em suas ações. Sabemos que se a insegurança está em alta devido à liquidez do mundo moderno, com a pandemia do coronavírus isso se intensificou ainda mais durante este período de grande incerteza sobre o futuro. Sendo assim, a busca por seguridade também seguiu o mesmo caminho.

Este primeiro grupo de pessoas trata-se daquele que, com toda a insegurança presente durante este período, optou por buscar nestes políticos conforto suficiente para amenizar pelo menos um pouco suas aflições e ansiedades. Uns porque, ainda que líquidos, possuem desejo pela solidez do mundo moderno, onde o Estado era o grande provedor da segurança. Outros apenas confiam porque são ações políticas embasadas em recomendações de organizações especializadas. O que também contribui para a sensação de riscos diminuídos.

Devemos também acrescentar que o fato de haver apoio a essas autoridades, não significa que sempre será assim. Tendo em consideração que na vida líquida as mudanças são constantes e frenéticas, e a confiança não é duradoura, podemos afirmar que, portanto, não há como definir algo como totalmente seguro, ou alguém como totalmente confiável, pois não se sabe o que nos aguarda no futuro, na medida em que a fluidez leva a mudanças de atitudes e comportamentos.

Mesmo que neste período tão complicado, onde a sociedade se vê tendo que confiar no governo, alguns, porém, escolhem não fazê-lo. No segundo grupo de pessoas do qual falamos, estão aqueles que, mesmo com toda a insegurança que sentem, são cientes de que o Estado pouco pode fazer para diminuir os temores da vida líquida e garantir a proteção da sociedade. Essas atitudes, especialmente, são frutos da falta de confiança no Estado e nas relações, implantada na modernidade líquida.

O que concluímos deste antagonismo é que, sendo o posicionamento dos indivíduos contra ou favoráveis, no final das contas, tudo se trata de uma questão de escolha. E esta possibilidade de escolha é derivada da liberdade oferecida pelo tempo líquido. Sendo assim, os usuários possuem a chance de escolher em quem depositar sua confiança, de acordo com seus interesses.

Originado desta liberdade de escolha, observamos em alguns comentários a presença do individualismo se sobressair. Os usuários manifestaram suas preocupações de acordo com suas próprias incertezas, medos e interesses. Mostrando assim, em certos casos, a ausência de compreensão com os demais indivíduos da sociedade, que possuem preocupações distintas, característica da polarização, como vimos com Bobbio (1995) e outros autores.

Em decorrência destes fatores, comprovamos, assim, a existência da polarização, que já estava inserida na sociedade nos últimos anos com o domínio das redes sociais e que continuou durante a pandemia. Neste ponto sua presença não se dá pela insegurança ou preocupações. Mas sim, devido à transformação das discussões sobre o isolamento social em disputas de posicionamentos político-ideológicos, onde o foco se concentrou em manifestar

qual autoridade política está correta, desprezando o foco principal que se trata de encontrar a melhor forma para diminuir as consequências provenientes do surgimento do novo coronavírus. O que reforça ainda mais o individualismo presente nesta época de liquidez.

Ao finalizar esta pesquisa podemos dizer que o cidadão confia na opinião de um líder político, caso seja de seu interesse confiar. Isso porque ele pode depositar sua confiança a fim de diminuir sua insegurança em busca da própria satisfação. Porém mesmo se sentindo inseguro, também pode optar por não confiar nas autoridades, pois não acredita que o Estado possa aliviar seus temores, principalmente quando a opinião ou ação de tal líder político confronta seus interesses. Portanto não há como oferecermos uma resposta pronta, pois a decisão de confiar é uma escolha que cabe a cada indivíduo fazer.

O que podemos afirmar com certeza é que a teoria da modernidade líquida se aplica no cenário político durante a pandemia do coronavírus, cujas características encontramos ao longo das análises. Como já falamos, não há como fugir da liquidez do tempo moderno. Este período que vivemos, assim como a vida líquida, é repleto de incertezas, inseguranças em relação não apenas ao desemprego e à saúde, mas temores relação ao futuro. Também há a liberdade de escolha que é feita individualmente, e de mesma forma individual somos obrigados a lidar com os riscos que possa haver. Atreladas a essas características, estão também as relações rasas e ausentes de confiança, tanto em relação ao Estado, quanto em relação às pessoas. Portanto não há como negar que as experiências vividas durante a pandemia correspondem à teoria criada por Zygmunt Bauman.

Referências

BASÍLIO, Márcio Pereira. **Tempos Líquidos**. Sociologias, Porto Alegre, ano 12, n. 23, p. 438-449, janeiro/abril, 2010. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/soc/n23/16.pdf>>. Acesso: 31/10/2020

BAUMAN, Zygmunt. **Em busca da política**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2000. Disponível em: <[https://drive.google.com/viewerng/viewer?url=http://ler-agora.jegueajato.com/Zygmunt+Bauman/Em+Busca+da+Politica+\(845\)/Em+Busca+da+Politica+-+Zygmunt+Bauman?chave%3D1677cfea7cb1b4e721f78316a481fd9c&dsl=1&ext=.pdf](https://drive.google.com/viewerng/viewer?url=http://ler-agora.jegueajato.com/Zygmunt+Bauman/Em+Busca+da+Politica+(845)/Em+Busca+da+Politica+-+Zygmunt+Bauman?chave%3D1677cfea7cb1b4e721f78316a481fd9c&dsl=1&ext=.pdf)>. Acesso em: 21 Jul. 2020.

_____. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001. Disponível em: <[https://drive.google.com/viewerng/viewer?url=http://ler-agora.jegueajato.com/Zygmunt+Bauman/Modernidade+liquida+\(304\)/Modernidade+liquida+-+Zygmunt+Bauman?chave%3D1677cfea7cb1b4e721f78316a481fd9c&dsl=1&ext=.pdf](https://drive.google.com/viewerng/viewer?url=http://ler-agora.jegueajato.com/Zygmunt+Bauman/Modernidade+liquida+(304)/Modernidade+liquida+-+Zygmunt+Bauman?chave%3D1677cfea7cb1b4e721f78316a481fd9c&dsl=1&ext=.pdf)>. Acesso: 20/04/2020

_____. **Vida líquida**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2007.

BOBBIO, Norberto. **Direita e Esquerda: razões e significados de uma distinção política**. São Paulo: Editora UNESP, 1995.

FRATTARI, Najla Franco. **Insegurança e medo no mundo contemporâneo: uma leitura de Zygmunt Bauman**. Sociedade e Cultura, v.11, n.2, p. 397 a 399, julho/dezembro, 2008. Disponível em: <<https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&ved=2ahUKEwiQ-Ib6mfjsAhV-LLkGHWqjDWUQFjAAegQIARAC&url=https%3A%2F%2Fwww.revistas.ufg.br%2Ffcs%2Farticle%2Fdownload%2F5298%2F4337&usg=AOvVaw2N5IfMGsVx2KZCzEMGwdZv>>. Acesso: 10 de nov. de 2020.

MACHADO, Jorge; MISKOLCI, Richard. **Das jornadas de junho à cruzada moral: o papel das redes sociais na polarização política brasileira**. Sociol. Antropol, Rio de Janeiro, v.09.03, p. 945-970, dezembro, 2019. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/sant/v9n3/2238-3875-sant-09-03-0945.pdf>>. Acesso: 07 de out. de 2020.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Sobre a doença**. 2020. Disponível em: <<https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca#o-que-e-covid>>. Acesso: 28 de out. de 2020.

OLIVEIRA, Larissa Pascutti. **Zygmunt Bauman: a sociedade contemporânea e a sociologia na modernidade líquida**. Sem Aspás, Araraquara, v. 1, n. 1 p. 25-36, 1º semestre de 2012. Disponível em: <<https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwjGhJDpxonsAhWqHbkGHUO6D8AQFjADegQIARAB&url=https%3A%2F%2Fperiodicos.fclar.unesp.br%2Fsemaspas%2Farticle%2Fdownload%2F6970%2F4996&usg=AOvVaw1hTqLsvLOX5QKONAoQ4aVF>>. Acesso: 27 de set. de 2020.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2009a. Disponível em: <<https://docero.com.br/doc/nvx5c1>> Acesso: 21 de mai. de 2020.

_____. **Redes Sociais na Internet, Difusão de Informação e Jornalismo: Elementos para discussão**. In: SOSTER, Demétrio de Azeredo; FIRMINO, Fernando.. (Org.). *Metamorfoses jornalísticas 2: a reconfiguração da forma*. Santa Cruz do Sul: UNISC, v. , p. 1-269, 2009b. Disponível em: <<http://www.raquelrecuero.com/artigos/artigoredesjornalismorecuero.pdf>> Acesso: 24 de mai. de 2020.

SILVA, Wainer Antonio; MORAES, Renato Almeida. **Direita e esquerda no pensamento de Norberto Bobbio**. Agenda Política. Revista de Discentes de Ciência Política da Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, v. 7, n. 1, p. 168-192, 2019. Disponível em: <<https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&ved=2ahUKEwjDlaaNuZHSAhUvD7kGHeYpBBYQFjAFegQIDhAB&url=https%3A%2F%2Fwww.agendapolitica.ufscar.br%2Findex.php%2Fagendapolitica%2Farticle%2Fdownload%2F239%2F226&usg=AOvVaw0lQnKnJ4kPN0T5IQIqUnJs>>. Acesso: 30 de set. de 2020.

TFOUNI, Elias Verdiani; SILVA, Nilce. **A modernidade líquida:** o sujeito e a interface com o fantasma. Revista Mal-estar e Subjetividade, Fortaleza, v. 8, n. 1, p. 171-194, março, 2008. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/malestar/v8n1/09.pdf>>. Acesso: 05 de set. de 2020.